



**Union Internationale
de Spéléologie**

www.uis-speleo.org

Código de Ética da UIS para Exploração e Estudos de Cavernas em países estrangeiros

Aceito pela União Internacional de Espeleologia (UIS) na Assembléia Geral do
12º Congresso Internacional de Espeleologia (*La Chaux-de-Fonds, Suíça, 1997*)

Modificado pelas Assembléias Gerais do
13º Congresso Internacional de Espeleologia (*Brasília, Brasil, 2001*),

e do

16º Congresso Internacional de Espeleologia (*Brno, República Checa, 2013*)



RESUMO

A: Atividades Espeleológicas em geral em seu próprio País

- *Sempre que se envolver com cavernas, mantenha o foco principal estritamente na caverna e seu conteúdo.*
- *Mínimo impacto (sem deixar rastro) deve ser o princípio fundamental.*

B: Expedições Espeleológicas em países estrangeiros

- *A UIS apoia as atividades internacionais das sociedades espeleológicas, grupos espeleológicos e pesquisadores do carste.*
- *Diplomacia e bom senso devem ser praticados.*
- *Procure colaboração e permissão locais antes de deixar seu país.*
- *Durante a expedição, siga as leis e costumes locais.*
- *Após a expedição, envie cópias de todos os materiais impressos para os grupos participantes e para a organização nacional de espeleologia e/ou para o Delegado Nacional na UIS, e agradeça a assistência recebida em todas as publicações da expedição.*
- *Respeite o trabalho das outras pessoas e grupos.*

C: Estabelecimentos de novas Cavernas Turísticas

- *Cavernas turísticas devem ser planejadas de maneira sustentável.*
- *A interpretação de uma caverna turística deve focar mais na aprendizagem do que no entretenimento.*
- *Espeleólogos e pesquisadores de cavernas devem contribuir para a manutenção da qualidade das cavernas turísticas.*

D: Turismo de Aventura, de Geologia e Ecologia

- *Viagens de aventura e ecoturismo têm que ser de mínimo impacto e sustentáveis.*
- *Competições não devem ser organizadas dentro de cavernas.*

E: Amostragem para estudos científicos

- *Amostras somente devem ser coletadas por profissionais bem qualificados (ou seus assistentes treinados) para suas próprias pesquisas.*
- *Amostras e exemplares não devem ser comprados nem vendidos.*
- *Procedimentos locais para permissão devem ser seguidos.*
- *Os resultados das pesquisas devem ser encaminhados para centros internacionais de documentação.*

INTRODUÇÃO

O propósito deste documento é servir como primeiro passo na elaboração de um novo código de ética internacional para exploração e preservação de cavernas.

A UIS não pode impor regras aos seus membros e nem se responsabilizar por expedições ilegais.

Este código pretende ser uma forte recomendação que descreve um cenário ideal, mas os países membros podem - se absolutamente necessário - implementar ajustes adequados que levem em conta as circunstâncias particulares nos seus países.

O propósito do código é garantir práticas de respeito às cavernas e às pessoas envolvidas com elas.

É consenso da Diretoria da UIS (2008) que:

Cavernas e feições cársticas, como também muitas outras cavidades subterrâneas, são extremamente valiosas, vulneráveis e não renováveis.

Esses lugares são esteticamente únicos e repositórios de uma vasta gama de informações científicas não disponíveis em nenhum outro lugar.

Cavernas podem ser consideradas como “máquinas do tempo”. Sua atmosfera intocada ao longo de milênios é imediatamente óbvia para qualquer visitante. Cavernas são recursos limitados com capacidade de carga próxima de zero.

Avanços recentes no ramo da microbiologia em cavernas e a geoquímica de elementos raros estabeleceram e enfatizaram o fato do ambiente cavernícola ser único e vulnerável.

Toda a comunidade internacional de espeleólogos, cientistas e o público em geral tem o dever de manter esse legado para as futuras gerações. Queremos que as gerações futuras possam apreciar a mesma atmosfera intocada e a estética que nós apreciamos hoje em nossas cavernas. Os proprietários de nossas cavernas são aqueles que ainda não nasceram como também a geração atual.

A comunidade espeleológica é internacional e consiste em indivíduos com uma vasta gama de experiência e conhecimento. Seja leigo, espeleólogo ou pesquisador, todos compartilham um interesse afinado com as cavernas e frequentemente investem vultosos recursos pessoais em sua exploração e manutenção.

Tais esforços merecem grande respeito ao lidar com espeleólogos de diferentes regiões e países.

Por isso, o Código de Ética engloba:

- atividade espeleológica em geral em seu próprio país;
- expedições espeleológicas em países estrangeiros;
- implementação de novas cavernas turísticas;
- turismo de aventura, de geologia e de ecologia;
- amostras para fins científicos

O código é organizado em parágrafos de textos explicativos com breves exemplos.

A: Atividades Espeleológicas em geral em seu próprio País

Todo país deve desenvolver seu próprio código de ética. Recomenda-se, no entanto, seguir a linha de raciocínio abaixo:

§ 1. Sempre que se envolver com cavernas, mantenha o foco principal estritamente na caverna e seu conteúdo.

Esta é a regra mais básica e mais simples para manter o estado de uma caverna.

Se, ao contrário, o foco se desviar para algo que não seja a caverna em si, tal como vantagens econômicas, objetivos pessoais, resgate, etc., a caverna irá sofrer.

Visitar uma caverna é como emprestar um livro de uma biblioteca; ele tem que ser devolvido no mesmo estado em que você recebeu – você não retira páginas, escreve comentários nem o suja.

§ 2. Mínimo impacto (sem deixar rastro) deve ser o princípio norteador.

As pessoas devem tentar evitar de deixar pegadas, mesmo em chão de sedimentos, e devem evitar espalhar sedimentos nas rochas e espeleotemas.

Enquanto a comunidade espeleológica cresce mais rápida do que o número de cavernas conhecidas, o lema “não deixe nada além de pegadas” não é mais suficiente.

Se deve reconhecer que contaminação microbial dentro e fora de cavernas pode se tornar uma das ameaças mais sérias (e invisíveis) ao ambiente da caverna no futuro.

As únicas marcas permanentes que podem ser aceitas são modestas bases topográficas e outros pontos de referência para mapeamento e investigações científicas.

Da mesma maneira, durante um resgate em caverna, o foco é naturalmente – e deve ser – na vítima e na logística de seu transporte. Esta é a única situação onde pisamento e desgaste excessivos podem ser aceitáveis. No entanto, danos semelhantes durante treinamentos de resgate devem ser restritos a poucas cavernas já danificadas e nunca feitos em cavernas recém descobertas ou virgens.

Toda viagem espeleológica produz um impacto e contribui para uma destruição cumulativa da caverna. Idealmente toda viagem espeleológica deveria propor algum tipo de retorno – fora da satisfação pessoal – para compensar o dano infligido, na forma de documentação (como topografia, fotografias, observações científicas).

Conhecimento é o legado mais importante que nós podemos oferecer aos outros. Da mesma maneira, todo espeleólogo tem que recolher seu lixo, etc.

B: Expedições Espeleológicas em países estrangeiros

Aqui nós fazemos uma distinção entre visitas a cavernas conhecidas (tal como na espeleologia de aventura) e expedições visando novas descobertas (prospecção).

As observações a seguir se referem especialmente a expedições.

O princípio é que o visitante se conscientize de que é um hóspede em país estrangeiro e deve se comportar apropriadamente, demonstrando respeito pelos anfitriões e pelo povo local.

A responsabilidade é mútua, ambos hóspedes e anfitriões devem reconhecer trabalhos anteriores e os citar nas publicações.

§1. A UIS apoia as atividades internacionais das sociedades espeleológicas, grupos espeleológicos e pesquisadores do carste.

Explorações internacionais espeleológicas são importantes para:

- descobrir novas cavernas e continuar explorações de cavernas já conhecidas;
- estudar o conteúdo, tal como minerais, bioma e vestígios arqueológicos e antropológicos;
- disseminar informações sobre o carste e cavernas pelo mundo;
- viabilizar o intercâmbio de práticas seguras de espeleologia;
- contribuir para a proteção e preservação das cavernas e do carste.

No entanto, os espeleólogos visitantes devem estar conscientes de que a exploração de novas cavernas por estrangeiros pode não ser especialmente bem vinda quando espeleólogos locais já estão explorando a mesma área ou querem preservá-la para as gerações futuras.

§ 2. Diplomacia e senso comum são fundamentais.

Para evitar desentendimentos por pessoas locais, pelo governo e pelas organizações espeleológicas local e nacional no país onde a exploração ou pesquisa científica está para ser realizada, a UIS preparou as seguintes recomendações:

§ 2.1 Procure colaboração local antes de deixar seu país.

Em muitos casos será necessário obter permissão oficial prévia do país a ser visitado. Além disso, como gesto de cortesia é necessário informar a um ou mais dos seguintes: a organização espeleológica nacional, o Delegado Nacional na UIS, o grupo ou grupos de espeleologia do local e outras pessoas relevantes, cuja cooperação é solicitada. Se contatos adequados não foram realizados, somente justifica-se uma simples visita de reconhecimento.

Os resultados da expedição devem ser disponibilizados para os anfitriões e, como contrapartida, é de responsabilidade do anfitrião reconhecer todo e qualquer resultado da expedição que seja utilizado em suas publicações futuras.

Se possível, os organizadores devem promover expedições conjuntas com espeleólogos do país a ser visitado. A organização espeleológica nacional terá conhecimento das exigências oficiais para expedições de visitantes estrangeiros. Eles terão pleno conhecimento das normas para armazenar os relatórios e o material publicado sobre a

expedição, como também do regulamento sobre a exportação de amostras coletadas nas cavernas pela expedição.

§ 2.2 Durante a expedição, siga as leis e costumes locais.

Os integrantes da expedição devem respeitar as leis dos países e tradições locais e compreender que algumas cavernas podem ser lugares sagrados, com significado religioso e/ou cultural; explorações e pesquisas científicas nessas cavernas podem ser restritas.

Os integrantes da expedição não devem destruir nem o carste nem suas cavernas. Eles devem, onde possível, informar e orientar a comunidade local para a proteção e preservação do carste, das cavernas e de seu bioma.

§ 2.3 Depois da expedição.

Amostras das cavernas e do carste devem ser coletadas somente durante a expedição se a previa permissão foi obtida e devem ser exportadas somente em caso de permissão explícita.

Como cortesia, cópias de todos os materiais produzidos pela expedição, junto com a localização e os mapas das cavernas, devem ser enviados aos grupos espeleológicos participantes, à organização espeleológica nacional e/ou ao Delegado Nacional na UIS.

Colaboração recebida das organizações dentro do país visitado deve ser reconhecida em todas as publicações da expedição.

§ 2.4 Respeito para com o trabalho individual e para com os outros grupos.

Antes de levar a cabo uma expedição num país estrangeiro, o grupo visitante deve pesquisar sobre explorações anteriores ou em curso por espeleólogos locais ou estrangeiros, para que não interfira em projetos em curso.

Explorações anteriores devem ser reconhecidas e mencionadas nos relatórios da expedição.

Caso ocorra de vários grupos trabalharem na mesma área, deve-se aproveitar a oportunidade para aprender uns com os outros e para organizar trabalhos futuros.

§ 2.5 Adendo para o Código de Ética da UIS (*aceito em Brasília, Brasil, 2001*).

§ 2.5a A UIS recomenda, sempre que algum membro de sua Diretoria ou um Delegado Nacional souber de alguma expedição sendo organizada para um país estrangeiro, que esse entre em contato imediatamente com o Delegado Nacional do país em questão.

§ 2.5b Se um membro da Diretoria da UIS descobrir a violação deste Código de Ética em uma expedição estrangeira, esse membro da Diretoria deverá contatar o Delegado Nacional do país de origem da expedição e sugerir que as descobertas e os relatórios da respectiva expedição não sejam aceitos nas suas publicações oficiais, como também informar que os relatórios não serão aceitos em nenhuma publicação ou evento apoiado pela UIS.

§ 2.5c Para expedições organizadas por países com espeleologia bem desenvolvida em países com espeleologia pouco desenvolvida, os membros da expedição devem fazer o melhor possível para facilitar a transferência de conhecimento e promover a atividade espeleológica local.

C: Estabelecimentos de novas Cavernas Turísticas

(Veja também o Memorando de Entendimento entre a Associação Internacional de Cavernas Turísticas (ISCA) e a UIS).

O estabelecimento de cavernas turísticas implica em uma mudança total do ambiente local da caverna, pois ela será literalmente transformada numa esteira de transporte de muitos turistas e deixará impactos inevitáveis e cumulativos. A despeito disso, o estabelecimento de cavernas turísticas pode ser uma maneira efetiva de preservar uma caverna da degradação descontrolada da espeleologia de aventura e, como resultado, conservar galerias situadas fora da rota turística.

Cavernas turísticas também aliviam o stress em outras cavernas vulneráveis na vizinhança. Além disso, cavernas turísticas possuem um importante papel em passar ideias sobre o meio ambiente cavernícola e as ciências naturais, e podem contribuir para o recrutamento de novos espeleólogos.

As coletas de amostras para fins científicos devem ser feitas, quando possível, em cavernas turísticas, pois isso alivia o impacto nas cavernas selvagens equivalentes e as informações resultantes podem ser disponibilizadas efetivamente para o público em geral.

§ 1. Estabelecimento de cavernas turísticas sustentáveis.

As exigências e sugestões da Associação Internacional de Cavernas Turísticas (ISCA), como endossadas pela UIS, devem ser usadas para nortear a implementação de cavernas turísticas.

O princípio deve ser a utilização de instalações removíveis, como passarelas suspensas de plástico ou aço inox, em vez de materiais mais permanentes como concreto. Iluminação de alta eficiência deve ser empregada, e todo esforço deve ser feito para esconder os cabos sem danificar a caverna.

É essencial que a implementação e o uso subsequente promovam um mínimo absoluto de impacto no ambiente natural da caverna. Os princípios de desenvolvimento sustentável devem ser seguidos.

§ 2. A interpretação de uma caverna turística deve focar mais na aprendizagem do que no entretenimento.

Cavernas turísticas possuem um grande potencial para transmitir conhecimento e estimular o interesse nas ciências naturais e na relação entre cavernas e a atividade humana.

O estabelecimento de cavernas turísticas deve envolver a colaboração de espeleólogos a fim de garantir um mínimo de impactos e um máximo de utilização do potencial educativo da caverna.

§ 3. Espeleólogos e pesquisadores de cavernas devem contribuir para a manutenção da qualidade das cavernas turísticas.

Os resultados das pesquisas e explorações na caverna e no seu entorno devem ser disponibilizados à população em geral, como também à administração, talvez na base de consultoria.

D: Turismo de Aventura, de Geologia e Ecologia

§ 1. Viagens de aventura e ecoturismo têm que ser de mínimo impacto e sustentáveis.

Danos causados pelo turismo de aventura e recreação comercial reduzem o legado passado para gerações futuras. Para minimizar o impacto, o tamanho do grupo deve ser reduzido, especialmente em cavernas pequenas e de baixa energia; é menos problemático em cavernas com a presença de rios.

Os grupos precisam ser controlados por guias que estão cientes do valor da conservação de cavernas.

A conservação do ambiente cavernícola tem que ser colocada acima de qualquer consideração econômica.

§ 2. Competições não devem ser organizadas dentro de cavernas.

A prática espeleológica é um esporte e possui elementos de desempenho, o que faz com que o treinamento seja necessário para segurança; entretanto, competições de qualquer tipo são inapropriadas em cavernas por causa dos danos ao valor natural decorrentes do uso físico intenso.

Danificar cavernas em nome do esporte é totalmente injustificado.

E: Amostragem para estudos científicos

A UIS é ciente de que a coleta excessiva de amostras ocorre em cavernas e de que tal prática está aumentando globalmente. Da mesma maneira, a venda de espécimes de caverna, tal como espeleotemas e fósseis, também está ocorrendo.

§ 1. Amostras somente devem ser coletadas por profissionais bem qualificados (ou seus assistentes treinados) para suas próprias pesquisas.

A retirada de amostras e exemplares raros deve ser o mínimo, e preferencialmente de pedreiras e cavernas turísticas.

§ 2. Amostras e exemplares não devem ser comprados nem vendidos.

O comércio e propriedade de material de cavernas devem ser reprovados. Tais materiais devem ser guardados em cavernas ou museus. Fósseis ou exemplares sob custódia privada não podem ser cientificamente estudados, nem os resultados publicados, pois isso requer que o exemplar seja disponível como material de referência.

§ 3. Procedimentos locais para obter permissão devem ser seguidos.

Países específicos podem ter regulamentação diferente para a coleta de amostras e, assim como para a prática espeleológica em geral, as leis locais têm que ser respeitadas.

§ 4. Os resultados das pesquisas devem ser encaminhados para centros internacionais de documentação.

No intuito de minimizar duplicação e a retirada desnecessária de exemplares, os resultados das pesquisas devem estar livremente disponíveis.

Amostras e exemplares estudados devem ser armazenados em um museu ou outro lugar com curador e disponibilizados para outros pesquisadores.

§ 5. Comentários específicos

Organismos vivos

Os ambientes cavernícolas são extremos e os organismos subterrâneos podem ser correspondentemente frágeis, vulneráveis e frequentemente limitados em número. Por isso, a retirada de amostras deve ser bem analisada e a coleta deve geralmente ser feita somente por profissionais bem qualificados e para suas próprias pesquisas.

Epeleotemas

Será que a carreira curta de uma pessoa é mais importante que um espeleotema antigo e ainda em crescimento in situ? A impossibilidade de restauração de espeleotemas fósseis e em crescimento tem que ser valorizada. A retirada de uma caverna de um espeleotema em crescimento significa que sua “vida” acabou, como também seu valor para contemplação futura. Espeleotemas nunca devem ser comprados (nós não devemos criar um mercado) e sem o conhecimento do contexto estratigráfico do exemplar o seu valor científico se reduz consideravelmente.

Sedimentos

Os sedimentos em uma caverna constituem o habitat de muitos organismos e contêm registros da história do meio ambiente. Como qualquer outro depósito em cavernas, eles devem ser tratados com respeito e não pisoteados nem coletados indiscriminadamente.

Depósitos arqueológicos e de fósseis e sub-fósseis

Esses depósitos são impossíveis de recuperar e são de grande valor para a ciência. Por isso devem ser escavados somente por profissionais bem qualificados e após obtenção de permissão oficial prévia.

Escavações devem remover somente uma parte mínima do depósito de interesse para assegurar que a parte maior seja deixada inviolada para trabalhos futuros.